

Experiências de quase morte (EQMs)

CIÊNCIA, MENTE E CÉREBRO

EDSON AMÂNCIO



EXPERIÊNCIAS DE QUASE MORTE (EQMs)

Ciência, mente e cérebro

Copyright © 2021 by Edson Amâncio

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Campos**

Capa: **Studio DelRey**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO	7
Sidarta Ribeiro	
APRESENTAÇÃO	11
1 O DESPERTAR DO CÉTICO	17
2 O QUE É A CONSCIÊNCIA?	31
3 O FANTASMA NA MÁQUINA	45
4 O QUE É EXPERIÊNCIA DE QUASE MORTE?	55
5 CIÊNCIA E EQM	77
6 SENTIMENTOS, MENTE, CONSCIÊNCIA E LOCALIZAÇÃO CEREBRAL	95
7 FÍSICA QUÂNTICA, EQM E <i>O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS</i>	103
8 RELATOS DE EQM	121
9 EQM E A BUSCA DA IMORTALIDADE	167
10 DARWIN NA SESSÃO ESPÍRITA	175
11 A BELEZA SALVARÁ O MUNDO	179
NOTAS	183
REFERÊNCIAS	195

Prefácio

ESTE PRECIOSO LIVRO do neurocirurgião e escritor Edson Amâncio vem preencher de forma abrangente e ponderada uma lacuna fundamental na bibliografia brasileira sobre as experiências de quase morte (EQMs). Trata-se de um fenômeno universal, com abundantes registros em diferentes épocas e lugares do planeta: pessoas à beira da morte experimentam vivências mentais extremamente vívidas que sugerem a passagem para outro plano espiritual.

Ainda que pareçam sonhos, as EQMs frequentemente incluem aspectos que, ao serem relatados posteriormente, são considerados inexplicáveis por médicos e pacientes, dando a sensação de que só seriam possíveis se a mente não habitasse o corpo. Situações-limite entre a vida e a morte são intrinsecamente emocionantes e relevantes, mas a potência numinosa das EQMs leva a experiências excepcionais quase sempre interpretadas por quem as atravessou como uma linha divisória na trajetória de vida – e até mesmo como um sinal divino.

O mistério em torno da alteração de consciência durante as EQMs é magnificado pelo fato de que a ciência apenas recentemente começou a compreender em mais profundidade os mecanismos biológicos que geram a consciência. Os estudos pioneiros conduzidos pelas equipes dos neurocientistas Stanislas Dehaene, na França, e Giulio Tononi, nos Estados Unidos, indicam que a distinção entre percepções conscientes e inconscientes decorre respectivamente do maior ou menor espalhamento cortical da atividade elétrica.

Quando finalmente alcançarmos uma teoria geral de funcionamento do cérebro humano, espera-se que seja possível compreender os processos neurais que produzem a consciência tão bem quanto compreendemos os processos cardíacos que explicam a circulação sanguínea, ou os processos hepáticos que explicam a filtração de toxinas realizada pelo fígado. Se e quando isso ocorrer, é provável que as EQMs venham a ser explicadas por mecanismos tais como o aumento do espalhamento cortical da atividade elétrica, bem como pelo aumento da sincronização neuronal em altas frequências. Fenômenos semelhantes ocorrem durante o sono com sonhos e também pela ação de psicodélicos clássicos.

Não podemos, entretanto, ter certeza de que esse programa de pesquisa se desenvolverá desse modo. Se o mais provável é que o entendimento da consciência exija apenas uma nova biologia, não é impossível que venha a exigir também uma nova física, capaz de dar conta de fenômenos ainda não descritos cientificamente, relacionados à noção de espírito fora do corpo. É por essa razão que o livro tangencia os bardos tibetanos e a física quântica, dois pontos de vista que ao primeiro olhar são completamente díspares, mas têm potencial de convergência, dependendo do que pesquisas futuras venham a encontrar.

Mesmo sendo um médico experiente, tarimbado na busca de explicações racionais para sintomas neurológicos e alinhado ao rigor científico em sua prática clínica, Edson Amâncio mostra abertura de ideias ao se colocar como um observador neutro diante da farta evidência de EQMs revisada neste livro. Essa firme aderência ao ceticismo saudável, verdadeira profissão de fé na possibilidade de aprender sempre mais, é uma das maiores qualidades da obra. Ao não tentar reduzir, tampouco mistificar nossa ignorância sobre as EQMs, Edson Amâncio contribui significativamente para que possamos primeiro reconhecer e, depois, entender os mecanismos subjacentes às experiências de quase morte.

Uma possibilidade instigante a ser explorada empiricamente propõe que a passagem da vida para a morte seja caracterizada por uma grande desaceleração do tempo subjetivo, durante o qual o eu onírico passaria pela vastíssima coleção de memórias armazenadas ao longo da existência, revivendo ou refazendo experiências com as cores daquilo que já foi vivido. Talvez a “vida eterna” seja apenas uma sequência de sonhos no feitio daquilo que se vivenciou no passado. Essa possibilidade tem potencial para explicar a noção, tão prevalente em diversas culturas, de que os virtuosos habitam algum tipo de paraíso após a morte, enquanto os pecadores são enviados ao inferno. Nessa concepção o inferno não seria “os outros”, mas simplesmente o “estar em si mesmo”.

Outra possibilidade, não mutuamente exclusiva com a exposta acima, sugere que diversos mecanismos fisiológicos postos em marcha durante o processo de morte induzam tal sincronização neuronal que produzem uma experiência de dissolução de representações mentais, levando finalmente a um enorme clarão. Qualquer semelhança com a “clara luz do vazio” do budismo não deve ser mera coincidência.

Evidentemente, há inúmeras outras possibilidades para tentar explicar o grande mistério que cerca as EQMs, inclusive as não materialistas. O livro que você tem em mãos não descarta nenhuma delas, pois seu autor compreende que a curiosidade científica e a tolerância cultural são as melhores atitudes diante de um enigma tão profundo. Que possamos seguir aprendendo!

SIDARTA RIBEIRO
Neurocientista e escritor

Apresentação

Mas se a literatura não basta para me assegurar de que não estou apenas perseguindo sonhos, então busco na ciência alimento para as minhas visões [...].

ITALO CALVINO

DEZESSEIS ANOS ATRÁS, eu nada sabia sobre experiência de quase morte (EQM). Sem grande interesse, tinha visto fragmentos de algum relato na internet, breves referências em jornais ou revistas, mas nada que me houvesse chamado verdadeiramente a atenção. Até que, em 2005, ao ler a revista médica inglesa *The Lancet*, deparei com o estudo prospectivo do holandês Pim van Lommel (1943-), publicado em 2001, no qual ele relata 344 casos de EQM minuciosamente documentados em hospitais de seu país¹. No estudo prospectivo, os pesquisadores têm acesso às causas que estão na origem dos sintomas. Entrevistam os pacientes, verificam os prontuários, informam-se sobre as drogas utilizadas, as dosagens, o tempo de parada cardiorrespiratória, o período de intubação. Já no estudo retrospectivo, os pesquisadores obtêm apenas a informação que lhes foi repassada por quem viveu a experiência. Logo, os estudos prospectivos têm maior fidelidade do que os retrospectivos.

Fiquei pasmo ao constatar que uma revista científica de tal importância, entre as mais renomadas publicações da área médica, pudesse oferecer suas páginas para um tema tão discutível como as EQMs.

À medida que me aprofundava na leitura, porém, eu me dava conta da extraordinária janela que se abriria na pesquisa médica caso o tema fosse visto e pesquisado com verdadeiro interesse científico, como haviam feito Van Lommel e sua equipe. Quantas afirmativas poderiam ser revistas se o assunto escapasse da

posição isolacionista a que foi relegado pela ciência oficial e se visse colocado como real motivo de investigação científica! A comprovação das EQMs constituiria talvez uma mudança de paradigma a respeito da consciência – sobretudo de sua localização – e poderia abalar seriamente o velho dogma de que a mente é produto do cérebro e ali reside. Dito isso, vale citar um cientista, o neurologista António Damásio (1944-). Português radicado nos Estados Unidos, Damásio é veemente defensor da teoria de que a mente é produto do cérebro:

[...] é necessário compreender que a mente emerge num cérebro situado dentro de um corpo-propriadamente-dito, com o qual interage; que a mente prevaleceu na evolução porque tem ajudado a manter o corpo-propriadamente-dito; e que a mente emerge em tecido biológico – em células nervosas – que partilham das mesmas características que definem outros tecidos vivos no corpo-propriadamente-dito.²

No entanto, por mais surpreendentes que sejam alguns relatos, é preciso notar que há poucos casos de EQM em indivíduos que tiveram efetivamente comprovação científica de morte cerebral. E o fato de que tais indivíduos “retornaram à vida” indica, obviamente, que não estavam mortos de fato – daí a expressão “quase morte”.

Se por um lado é estonteante imaginar que, uma vez despertas, as pessoas relatem fatos ocorridos quando se encontravam inconscientes durante o período de parada cardiorrespiratória (ou sob anestesia geral), por outro lado é mais estupefaciente reconhecer que cada uma delas, ainda com o cérebro mal funcionando, em precariíssimas condições (como de fato ocorre nos poucos minutos após uma parada cardiorrespiratória), desenvolvam uma consciência ampliada, à qual ser humano nenhum é capaz de ter acesso durante o estado normal de funcionamento cerebral. Por mais assustadora que seja a ideia de que a consciência pode existir fora do cérebro – é o que as experiências

de quase morte sugerem –, devemos levar em conta que todas as pessoas analisadas foram consideradas mortas e, no entanto, conseguiram descrever o que lhes acontecia no momento da reanimação, como se sua consciência estivesse mesmo fora do próprio corpo.

Houve um grande hiato – 15 anos – entre a publicação de meu livro anterior de divulgação científica, *O homem que fazia chover e outras histórias inventadas pela mente* (2006), e a atual. Nesse interregno, dediquei-me à ficção, quase como um derivativo do tema científico, mas sem ter-me libertado completamente da medicina, pelo menos no título da novela que publiquei e que se chamou *Diário de um médico louco*. Agora retorno após longos estudos sobre EQM, depois de ter ficado verdadeiramente fascinado pelos inúmeros relatos que ouvi daquelas pessoas que estiveram à beira da morte.

Quando comecei a estudar as EQMs, eu não havia lido o livro pioneiro do psicólogo (depois também médico) americano Raymond Moody Jr. (1944-). Em 1975, tendo investigado mais de 100 pessoas que passaram pela experiência de quase morte, Moody publicou *A vida depois da vida*³, que se tornou *best-seller* nos Estados Unidos e foi traduzido no mundo todo. Depois de ter conhecido o artigo de Pim van Lommel, passei a ler com grande interesse os autores que haviam se debruçado sobre o tema: o próprio Moody, Michael Sabom⁴, Kenneth Ring⁵, Elisabeth Kübler-Ross⁶, Bruce Greyson⁷ e Sam Parnia⁸, entre outros.

Veio deles o conhecimento que adquiri sobre o tema, mas sou devedor principalmente de Van Lommel, pela amplitude da discussão sobre EQM não apenas no célebre artigo da revista *Lancet*, mas também no detalhado estudo posterior *Eindeeloos bewustzijn* [Consciência sem fim], livro que foi publicado em 2007 na Holanda e que li na tradução francesa, *Mort ou pas?* [Morte ou não?]⁹.

Tanto a leitura do livro de Van Lommel quanto a extraordinária descrição da EQM vivenciada por George Ritchie, descrita

pelo próprio em seu livro *Voltar do amanhã*¹⁰, foram fundamentais para que eu enveredasse pelo estudo das EQMs.

Devo ressaltar que não sou especialista no assunto. Embora tenha exercido minha especialidade – neurologia e neurocirurgia – durante mais de 40 anos, não me considero cientista, muito menos especialista em EQM. Mas, durante todo o tempo de exercício de minha profissão, fosse como profissional liberal, fosse como professor universitário, esteve presente em mim a convicção de que o conhecimento científico não deveria ficar restrito aos estreitos muros da universidade e alcançar, sempre que possível, o grande público. Nesse sentido, escrevi vários artigos de divulgação e atualização científica em revistas de maior acesso ao público leigo, entre elas a *Scientific American Brasil* e a *Mente & Cérebro*. Embora reitero não me considerar autoridade no tema de que vamos tratar daqui em diante, devo dizer que não tenho nenhuma bandeira a defender e mergulhei no assunto sem preconceitos, sem nenhuma animosidade na questão.

Este livro começou a ser redigido no verão de 2005. A ideia de escrevê-lo me ocorreu em consequência das entusiásticas reuniões de que participaram o físico Carlos Mendes, o casal de psiquiatras Rachel Giacoia Leal e Fellipe Leal e o psicólogo Mateus Silvestrin. Após a leitura do artigo de Van Lommel publicado na *Lancet*, nós nos propusemos a conhecer os principais estudos sobre EQM publicados em revistas científicas e entrevistar quantas pessoas fosse possível que houvessem passado pela experiência de quase morte. O que resultasse desse trabalho poderia ser publicado em revistas científicas ou apresentado em congressos médicos.

À medida que as leituras se avolumaram, novos artigos e livros foram pesquisados e um número crescente de pessoas que passaram por EQM foi entrevistado para nosso canal do YouTube, decidi que precisava não só me aprofundar nas explicações possíveis para essas experiências, mas também confrontá-las com aquelas propostas por filósofos da mente e por neurocientistas.

Não houve como evitar a leitura – vasta e caudalosa – de cientistas materialistas e de defensores do dualismo, estes em pequeno número. As tentativas de buscar explicações na física quântica constituíram grande desafio. Espero que todo o esforço despendido na realização deste trabalho encontre respaldo nos leitores que se interessam pelo tema.

Dedico o livro a todos aqueles que generosamente concordaram em que suas EQMs, gravadas e disponíveis no canal *Afinal, o que somos nós?*, do YouTube, fossem descritas também aqui.

EDSON AMÂNCIO

1. O despertar do cético

Não existe nada em que um homem livre pense
menos que na morte; sua sabedoria é meditar
não sobre a morte, mas sobre a vida.

ESPINOSA

TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO de 1992. Levantei-me antes das 6 da manhã, como de costume. Eu não dormira bem à noite. Antes de pegar no sono, mantive a mente ocupada durante um bom tempo, pensando na situação política do país. As ruas repletas de manifestantes exigindo o *impeachment* do presidente. Milhares de jovens com a cara pintada de verde e amarelo, as cores da bandeira nacional, desfilavam pelas ruas em protesto. O Brasil em pleno turbilhão. Fiz a barba e tomei uma ducha. Em menos de dez minutos, já estava vestido. Na cozinha, tomei uma xícara de café, que eu mesmo havia preparado, e passei manteiga numa torrada, pensando em complementar o jejum no hospital. Escovei os dentes e fui até a sala. Afastei a cortina a ponto de ver o mar ao longe. Um céu cinzento se refletia nas ondas miúdas e agitadas. “Tempestade à vista”, pensei.

Antes de abrir a porta e pegar o elevador, contemplei ainda uma última vez o mar. Continuava cinzento e picado. O céu tinha escurecido ainda mais. Peguei o carro na garagem e segui para o hospital. Enquanto dirigia, repassava em pensamento os acontecimentos da semana anterior. Tinha sido relativamente tranquila. Na terça, eu havia drenado um hematoma subdural, cirurgia relativamente corriqueira. Fiz duas trepanações, uma ao lado da outra, na região parietal direita do paciente; lavei a cavidade com soro fisiológico até a saída do líquido mostrar-se transparente, indicando que todo o sangue acumulado havia sido drenado. Em seguida instalei um dreno, acoplado a uma

bolsa coletora estéril, que deveria recolher sangue residual durante pelo menos 24 horas. Na quinta o paciente se encontrava em excelentes condições. O dreno havia parado de eliminar a secreção sanguínea muito rala. Removi-o e, depois de ter infiltrado o couro cabeludo com uma pequena quantidade de anestésico local, dei dois pontos no orifício. O paciente estava falante, sem nenhum déficit motor, e havia recobrado totalmente a sanidade, que antes vinha ligeiramente afetada pela presença do hematoma. Na sexta, eu lhe dei alta.

No sábado, removi um pequeno tumor da fossa posterior de uma jovem. O diagnóstico anatomopatológico revelou tratar-se de um astrocitoma pilocítico. A cirurgia começou às 7h em ponto. Às 15h, cheguei em casa. Troquei as calças por uma bermuda, os sapatos por um par de chinelos, e vesti uma camisa. Fui até a cozinha e abri uma garrafa de vinho, para beber com Mara.

— Foi difícil a cirurgia? — ela indagou.

— Nem difícil, nem fácil — respondi. — Sangrou um pouco mais do que o previsto, mas a paciente saiu acordada do centro cirúrgico e foi para a UTI. Acho que o resultado foi bom.

— Que bom! — ela disse, ao colocar um pouco de vinho em minha taça.

Mara aceitava bem meu trabalho. Questionava a necessidade de realizar cirurgias no sábado, mas o fazia sem grande insistência.

— Você deveria guardar os finais de semana para descansar — dizia.

Eu completava no mesmo tom:

— E ficar um pouco com a família.

Essas lembranças me ocorriam durante o curto trajeto de casa ao hospital na manhã daquela terça, 25 de agosto. Em seguida, meus pensamentos se voltaram para a cirurgia que me esperava no hospital. Lembrei-me de meu primeiro contato com David, havia pouco mais de 15 dias.

— Boa tarde, doutor — ele disse assim que abri a porta do consultório.